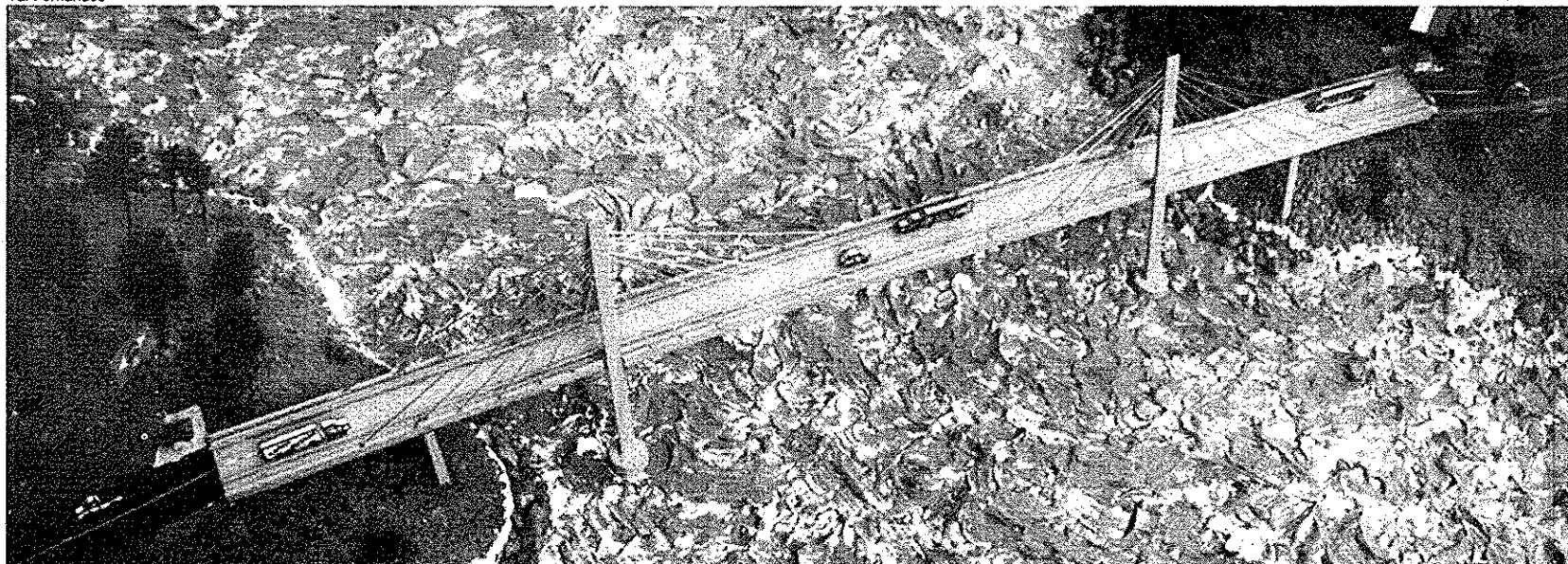


Val Fernandes



Maquete da futura ponte sobre o Rio Oiapoque em exposição na Agência de Desenvolvimento do Amapá e no Departamento Estadual de Transportes, e ciclistas na BR-156 (foto menor)

Transguianense ou rodovia dos sonhos

A estrada permitirá ligar o Amapá a Roraima. Será possível sair de carro de Macapá e chegar até Caracas, na Venezuela, passando por Caiena, Paramaribo e Georgetown

POR CIMONI OLIVEIRA

A possibilidade de sair viajando de carro pelas Américas e retornar ao Brasil passando por pontos nunca antes imaginados está próxima de tornar-se uma entusiástica realidade. A perspectiva que se abre com o andamento da Transguianense, como dizem alguns (ou da Arco Norte, como preferem outros, ou ainda Panamericaine, como batizaram os franceses), anima uma população de mais de dois milhões de pessoas que habitam a região desde o Amapá ao Caribe juntando os países do Platô das Guianas.

A estrada que começa a ganhar forma do lado de cá, no Amapá, já existe mais concreta do outro lado do Rio Oiapoque, como um rasgão na floresta aguardando o asfalto nos 80km que vão de Saint Georges até Regina, na Guiana Francesa. Depois será acelerar e seguir em direção às capitais das outras guianas, Paramaribo e Georgetown, e aqui tomar uma decisão: seguir para Caracas e aos demais países da América Latina ou retornar ao Brasil, mergulhando outra vez na Amazônia através da fronteira de Roraima.

Em terras amapaenses, aos poucos a rodovia dos sonhos vai tomando formas e tornando-se realidade. Foram liberados R\$ 3 milhões por parte do Governo Federal e o Estado entrou com um investimento de R\$ 5 milhões para asfaltar 15km da BR-210/156, alcançando a localidade de Aporema, até o final deste ano. Para o ano 2001 estariam assegurados outros R\$ 20 milhões do orçamento federal através de emendas da bancada do Amapá no Congresso.

Uma nova ponte sobre o Rio Tracajatuba

está sendo construída, a primeira das 12 que farão parte dos 600km da rodovia até a fronteira. Nessa primeira fase ficarão prontas quatro delas. A maior, sobre o Rio Flexal, terá 160m. Todas serão em concreto, obedecendo à determinação do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), que encurtou a extensão da BR-156. O novo traçado diminuiu em 30km o percurso. Para ligar Oiapoque a Saint Georges será feita uma ponte mista (concreto e metal) com aproximadamente 300m sobre a parte mais estreita do Rio Oiapoque, na altura da Ponta Morne. A previsão é de que a mesma esteja pronta em 2002.

Do outro lado do rio, de Saint Georges a



Pedal Verde

Regina, há um trecho de 80km, antes de Caiena, recém-aberto e aguardando asfalto. Por enquanto só é possível trafegar durante o verão e com permissão do governo francês; mas os guianenses asseguram que ficará pronto até o final do próximo ano.

O traçado que faltava para ligar o Brasil à Guiana Francesa e países vizinhos está sendo trabalhado com cuidado, para não causar impacto ao meio ambiente. De quatro em quatro quilômetros serão feitos corredores ecológicos e pequenos túneis para evitar erosão e garantir o passeio dos animais tanto sobre as árvores quanto por debaixo da pista. É que em determinados pontos as copas das árvores se cruzam, possibilitando uma viagem bonita e agradável, além de amenizar a temperatura sobre o asfalto.

Os viajantes podem trafegar perfeitamente de Regina até Caiena. A estrada é pavimentada, o problema é para cruzar o Rio Approuague, ao final dos 120km. A travessia é feita por balsa e só é permitida aos carros do governo francês e da empresa construtora da pista.

De Caiena a Georgetown são quase 600km perfeitamente trafegáveis, mas também com o transtorno da travessia por balsas dos rios Maroni e Nickerie. O primeiro corta as cidades de Saint-Laurent e Albina, fronteiras da Guiana Francesa e do Suriname, respectivamente; o outro liga Suriname à Guiana Inglesa, atravessando as cidades de Nieuw Nickerie e Skeldon. A partir daí são mais 700km até Boa Vista (RR) em estrada de chão, de onde se pode chegar até Manaus (AM) ou alcançar Caracas via Colômbia. A escolha fica a critério do viajante.

Muitas raças e culturas nos países do Platô das Guianas

POR ELSON MARTINS

O que falta realizar na Transguianense ou Panamericaine, como preferem os franceses, é o sonho da integração entre os quatro países ligados pelo eixo, ou seja:



Reprodução

Brasil, França (Guiana Francesa), Suriname e República da Guiana. São 1.550km de Macapá a Georgetown, passando por Caiena e Paramaribo, e 2.100km até Boa Vista, em Roraima. A integração começou a virar realidade em 1995, com os entendimentos

entre o Amapá e a Guiana Francesa. Hoje, já se refere ao Amapá como corredor entre o Mercado Comum Europeu e o Mercosul. O Amapá se meteu nos acordos diplomáticos entre o Brasil e a França (faz parte do Acordo Quadro) e tem ajudado a aproximar as duas nações.

Em março de 1998, uma equipe de técnicos e jornalistas franceses e brasileiros percorreu a Transguianense até Georgetown visitando cidades, recantos ecológicos e ecossistemas, filmando e fotografando. Os franceses ficaram impressionados com o potencial turístico existente nos 590km entre Macapá e Oiapoque, mas reclamaram da estrada (440km ainda em piçarra), da falta de manutenção nos balneários e da pouca higiene nos hotéis, pousadas e restaurantes. A missão contava com um diretor do Departamento de Estradas da Guiana Francesa, jornalistas da Guyane Press e da RFO, dois repórteres da TV Amapá e um jornalista do Departamento de Comunicação do Governo do Estado.

Ao conhecer o recanto Sonho Meu, em Porto Grande, a 100km de Macapá, um lugar de natureza privilegiada, um jornalista francês estranhou a aparelhagem de som, o tobogã e a pista de rodeio poluindo o ambiente. Entretanto, adorou uma caldeirada de gurijuba servida num almoço em Calçoene. Os pernites no Amapá e no Oiapoque não causaram boa impressão devido à má acomodação nos hotéis. Os

amapaenses vão levar algum tempo, ainda, para entender que o turismo exige mais criatividade, bom trato e higiene do que luxo mal-administrado.

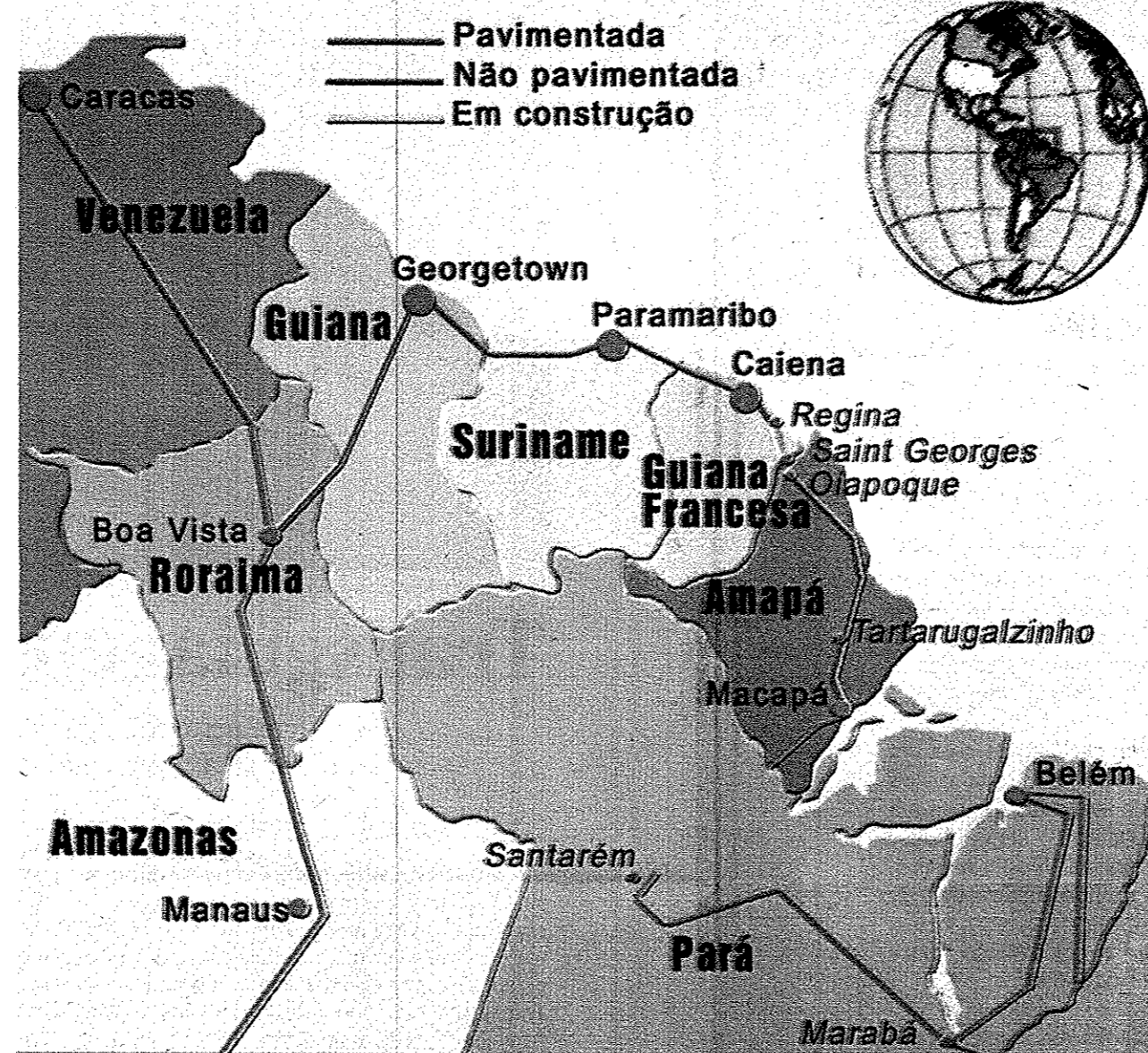
Antes de atravessar para Saint-Georges, convém trocar reais por francos ou dólares. Existem duas ou três casas de câmbio e comerciantes que fazem a troca em Oiapoque. Cada real vale cerca de quatro francos. De Saint-Georges para frente, o real passa a ser um ilustre desconhecido.

No lado francês a qualidade da engenharia empregada na construção de estradas salta aos olhos. O trecho Saint-Georges-Regina, de 85km, é um exemplo de boa engenharia. A estrada até Caiena terá 195km de asfalto com três pontes metálicas pequenas e uma quarta, de 340m sobre o Rio Approuague (por enquanto, com travessia de balsa). Protegidas por legislação ambiental, as margens da estrada têm pouca e ordenada ocupação, com algumas pousadas onde vale a pena parar para comer e repousar.

Caiena, apesar das diversas etnias que formam sua população, inclusive 12% de brasileiros, é uma cidade com fortes características européias. Tem bons hotéis, trânsito organizado, comércio atraente, vinhos e cerveja de excepcional qualidade. Também oferece boas opções de passeio turístico.

Deixando a capital da Guiana Francesa, o viajante tem pela frente 260km de asfalto até Saint Laurent, na fronteira com o Suriname, passando por Kourou (a 60km), Sinnamary (120km) e Iracoubo (145km). Saint Laurent é a segunda cidade mais importante da Guiana Francesa, situada na margem direita do Rio Maroni. Foi lá onde

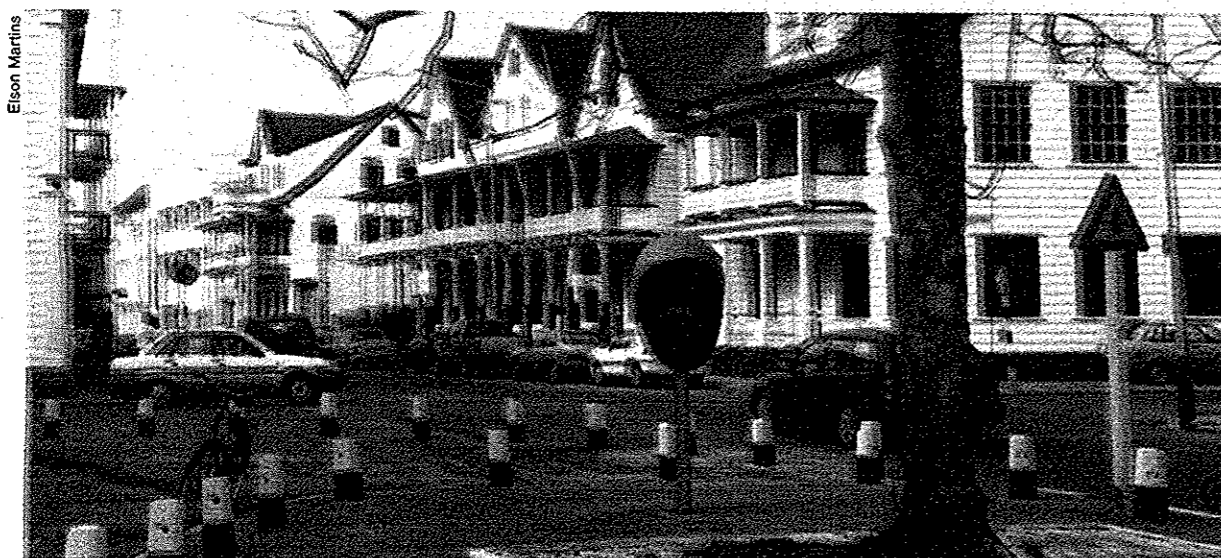
Rodovia Transguianense



Amapá/ Brasil

Capital: Macapá
 Localização: Norte do Brasil
 Área: 143.454km²
 População: 439.781 (IBGE/1999)
 Língua do colonizador: português

Arquitetura com evidentes características européias na capital do Suriname



Elson Martins

República da Guiana

(ex-Guiana Inglesa)
 Capital: Georgetown
 Localização: Norte da América do Sul
 Área: 214.970km²
 População: 847 mil (1997)
 Língua do colonizador: inglês

Guiana Francesa/França

Capital: Caiena
 Localização: Norte da América do Sul
 Área: 83.534km²
 População: 152.790
 Língua do colonizador: francês

Suriname

(ex-Guiana Holandesa)
 Capital: Paramaribo
 Localização: Norte da América do Sul
 Área: 163.820km²
 População: 437 mil (1997)
 Língua do colonizador: holandês

ocorreu a história do preso Henri Charrière, o "Papillon", que esteve preso na Ilha do Diabo.

Na outra margem do Rio Maroni está Albina, cidade fronteiriça do Suriname, distante 150km de Paramaribo. O trecho surinamês da estrada exhibe ainda as marcas da guerrilha que levou a antiga Guiana Holandesa à independência, em 1975; e do golpe militar que o país sofreu em 1980. Aqui as margens da rodovia são ocupadas por pequenos sítios que abastecem o mercado local de frutos e produtos agrícolas.

A cidade de Paramaribo conserva sinais da fama que manteve como capital turística do Platô. Tem ótimos hotéis e restaurantes, um comércio atencioso, um povo alegre, festivo e receptivo. Os hotéis são melhores e mais baratos que os de Caiena. A moeda corrente é o dólar americano ou o florim. No Suriname fala-se pelo menos seis idiomas: o holandês, o indostani, o inglês, o francês, o crioulo e o javanês, além do português que começa a fazer parte dessa mistura de línguas.

A ligação rodoviária com Georgetown tem as seguintes distâncias e referências: 245km de Paramaribo até a fronteira e daí mais 140km até a capital guianense, tudo pavimentado e com duas travessias de balsa. Quem quiser chegar à outra fronteira do Brasil enfrenta mais 537km (com apenas 107 asfaltados) até a cidade de Lethem, atravessa o Rio Itacutu para a cidade brasileira de Bonfim, em Roraima, e segue até Boa Vista por mais 124km (40 de asfalto). A partir de Boa Vista tem 760km até Manaus, com apenas 50km de asfalto, e 1.245km pavimentados até Caracas, na Venezuela.

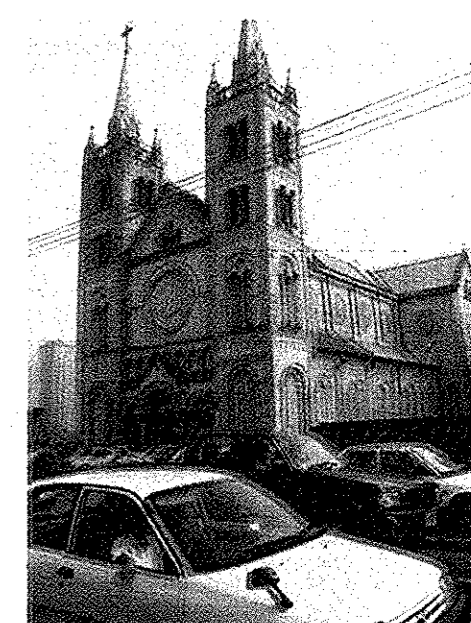
Apesar de sediar o Caricom, o Mercado Comum do Caribe, e de manter intensa atividade comercial e turística com as ilhas caribenhas, Georgetown é uma cidade sem muitos atrativos. É a mais populosa (285 mil habitantes), mas assusta os visitantes com a falta de saneamento e o lixo nas ruas. A moeda é o dólar guianense ou o gulden, cotado em cerca de 150 por dólar americano ou aproximadamente 75 por real.

Em todo o Platô das Guianas, sobretudo na República da Guiana, a presença do negro é muito forte. Eles são maioria no Governo da Guiana e se impõem com suas cores, ritmos e artesanato por todos os cantos da cidade. O Amapá pode descobrir, através da integração, de onde vêm suas raízes musicais e o gosto pela dança.

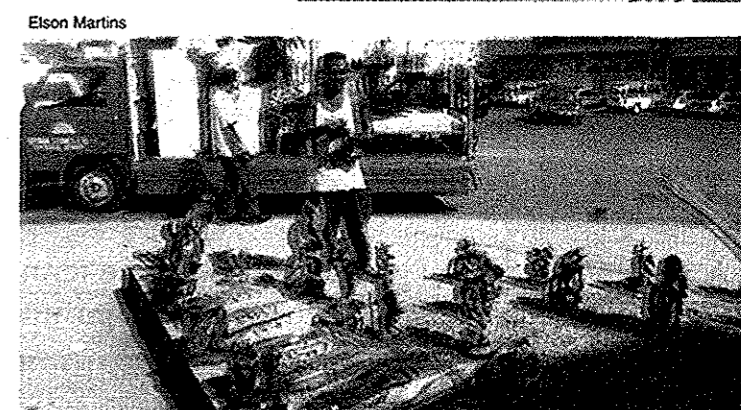


Pedal Verde

Ciclistas na BR-156, igreja em Paramaribo e artesanato em Georgetown



Elson Martins



Elson Martins

O que vem com a nova estrada

POR CIMONI OLIVEIRA

Não há dúvida de que a interconexão rodoviária com a Guiana e outros países do Continente Europeu beneficiará não só o Amapá como os outros Estados da Região Norte. O comércio bilateral será favorecido não só pela implementação da ligação como também pela aproximação da Guiana com o Mercosul. A interligação permitirá a geração de divisas, emprego e renda à economia local e, consequentemente, nacional. O desenvolvimento do setor produtivo do Amapá será facilitado na medida em que novos mercados serão abertos, principalmente na área do turismo e de produtos que utili-

zam a biodiversidade regional como matéria-prima. Por outro lado, há uma expectativa em relação aos aspectos negativos que a estrada poderá produzir, prevendo-se que a estrada poderá aumentar o contrabando de drogas na região e que o aumento do trânsito de pessoas fará aumentar o contrabando de crianças e jovens, o que já se manifesta no estágio atual. No entanto, esse tipo de preocupação está sendo acompanhado pelos organismos que cuidam da segurança nos países da região e até a conclusão da estrada terão sido reforçadas as capacidades de controle das fronteiras.